

FOLGUEDO CARNAVALESCO, MEMÓRIA E IDENTIDADE SÓCIO-CULTURAL *

Olga R. de Moraes von Simson

Faculdade de Educação — Centro de Memória/UNICAMP
Centro de Estudos Rurais e Urbanos

Estas reflexões surgiram de um longo trabalho de pesquisa que deu origem a duas teses, uma de mestrado e outra de doutorado, tratando do fenômeno carnavalesco na cidade de São Paulo nos últimos dois séculos¹. O que ora desejo discutir se liga mais diretamente a minha tese de doutorado, que reconstrói o processo de criação, transformação e institucionalização do carnaval popular paulistano cobrindo o período que vai de 1914 a 1988. O ano de 1914 corresponde ao primeiro desfile de um agrupamento popular especialmente criado para se apresentar no carnaval paulistano e 1988 se refere ao ano em que detectamos, junto aos dirigentes das entidades carnavalescas, uma preocupação nova encarando suas entidades como responsáveis não só pelos desfiles de Momo, mas também pelo bem-estar e pela formação de novos membros para a agremiação, durante todo o decorrer do ano.

Baseada em múltiplos suportes empíricos, mas tomando como fontes privilegiadas os depoimentos orais de velhos foliões paulistanos e análise de fotos antigas coletadas junto aos carnavalescos do passado, pude-

mos reconstituir a maneira como se brincava o carnaval nos bairros populares da São Paulo na primeira metade deste século, fossem eles bairros operários, habitados por descendentes dos imigrantes estrangeiros (principalmente italianos, espanhóis ou portugueses) ou constituíssem territórios onde o contingente de população negra era o mais significativo².

Quais as principais conclusões desse trabalho de reconstituição histórico-sociológica, de um fenômeno cultural tipicamente urbano, onde podemos salientar:

- O modelo para a elaboração dos folguedos populares, fossem eles brancos ou negros, foi sempre o carnaval burguês de estilo veneziano, importado pelos estratos superiores da sociedade brasileira em meados do século passado. Esse carnaval cidadão-burguês se exprimia por desfiles luxuosos realizados pelas ruas e praças principais das cidades economicamente mais pujantes. Tais desfiles que contavam com vários carros alegóricos ou de cri-

* Este trabalho foi apresentado na sessão "Memória, tradição e ancestralidade" do Seminário Temático "Em busca de uma identidade nacional", realizado durante o XIV Encontro Anual da ANPOCS realizado em Caxambu nos dias 22 a 26 de outubro de 1990.

1. *A burguesia se diverte no reinado de momo: Sessenta anos de evolução do carnaval paulistano — 1850-1915*. Dissertação de Mestrado apresentada à F.F.L.C.H. da USP, 1984, (mimeo) e *Branco e negro no carnaval popular paulistano*. Tese de Doutorado apresentada à F.F.L.C.H. da USP, 1989 (mimeo).

2. Em São Paulo, os três grandes redutos negros foram os bairros da Barra Funda, do Bexiga e da Baixada do Glicério, zonas de difícil ocupação urbana devido a problemas ocasionados por enchentes freqüentes ou devido à existência de encostas muito escarpadas, onde, portanto, os terrenos eram baratos e os aluguéis acessíveis à população mais pobre formada por negros ou imigrantes recém-chegados.

tica, montados pelas sociedades carnavalescas, eram complementados por bailes de máscaras em salões e teatros e pelo *corso*, realizado pelas famílias mais abastadas, que percorriam em carros abertos a região central dos aglomerados urbanos²;

- O carnaval popular branco copiou, com os recursos que pôde reunir junto ao comércio e à indústria dos bairros de origem e graças a longo e persistente trabalho artesanal, realizado durante meses pelos foliões operários, o modelo dos estratos sociais mais elevados. Os foliões brancos montavam também desfiles de carros alegóricos ou de crítica nos quais o aspecto da criação visual era o mais valorizado, pois permitia a expressão de uma criatividade operária expressa em ferro, madeira e papelão, diuturnamente embotada no rotineiro trabalho fabril. A música ficava em segundo plano nesses desfiles e a dança praticamente inexistia;
- O carnaval negro, não podendo contar com muitos recursos, criou folguedos novos — os cordões e posteriormente as escolas de samba — nos quais o aspecto visual não tinha, a princípio, grande importância, sendo a música e a dança, especialmente criadas para a ocasião, os principais atrativos de suas apresentações carnavalescas;
- Os dois grupos examinados, brancos e negros, tinham uma visão diametralmente oposta em relação ao carnaval. As associações e clubes brancos encravavam o Tríduo de Momo como uma oportunidade valiosa para angariar fundos, através de grandes bailes pagos, que atraindo os moradores do bairro de origem e de bairros circunvizinhos, geravam os meios econômicos suficientes para manter em funcionamento os clubes do bairro, associações que organizavam o lazer da população local por

todo o resto do ano, com os meios gerados pelo carnaval de salão. Os agrupamentos negros, por outro lado, realizavam durante o ano bailes, festas e promoções variadas com o intuito de reunir o numerário necessário para a montagem de um belo desfile de Momo. Portanto, o carnaval de salão era o festejo mais valorizado pelos foliões brancos, pois constituía significativa fonte de renda, enquanto os desfiles de rua representavam o auge das folganças do carnaval negro, pois representavam uma forma eficiente para esse grupo se afirmar sócio-culturalmente na vida urbana de uma cidade como São Paulo, caracteristicamente reconhecida como branca, imigrante e discriminadora.

Essa valorização diversa se patenteou quando transformações havidas na cidade, no período subsequente à Segunda Guerra Mundial, levaram à periferização da população de menor renda, forçando a destruição dos grupos de vizinhança que serviam de base para os dois tipos de folguedo. O carnaval branco simplesmente desapareceu, seguindo o destino dos grupos residentes nos bairros operários, os quais, em sua maioria, foram expulsos para zonas mais afastadas do centro urbano. O carnaval negro, entretanto, foi capaz de se reorganizar através da criação de uma rede de filiais dos cordões e escolas de samba, filiais essas que tinham como sede a casa de membros mais influentes das agremiações (geralmente as costureiras). As filiais das agremiações carnavalescas situadas em bairros periféricos, geralmente das zonas norte e leste da cidade, realizavam um importante trabalho preliminar de organização e ensaio dos folguedos que só buscavam a sede, situada em bairros centrais tradicionalmente de forte presença negra, para os ensaios finais. Além de não desaparecerem, os folguedos negros saíram fortalecidos de todo esse processo, conquistando novos membros para as alas mais antigas e for-

mando mesmo novas alas com sede na periferia. Com o passar dos anos a tradição do samba se difundiu nas zonas periféricas da cidade engendrando novas agremiações com sedes nas regiões de maior concentração negra como Casa Verde, Peruche, Taboão e Jabaquara.

Por que os folguedos negros foram capazes de superar as conseqüências do processo de periferização da população paulistana de baixa renda?

Nossa hipótese explicativa é a de que para a população negra paulistana, o carnaval tem um significado maior: é a oportunidade de ela se expressar sócio-culturalmente para uma sociedade, a princípio escravocrata e posteriormente branca, imigrante e altamente discriminadora. O espaço do carnaval foi sempre utilizado pelos grupos negros para o exercício do que chamamos de "resistência inteligente"⁴. É aquela resistência que se exerce no cotidiano, ao nível da cultura, aproveitando as brechas que a religião, o lazer e a política possam apresentar e que o negro paulistano soube sempre alargar, transformando a sua maneira de festejar Momo na manifestação carnavalesca predominante, no espetáculo hoje assistido por todas as classes sociais e veiculado, via meios de comunicação de massa, para todo o País. Além de divertimento, o carnaval negro começa também a ser utilizado — por suas lideranças mais conscientes — para novas conquistas sociais que pode-

rão beneficiar a população sambista paulistana durante todo o ano e a mais longo prazo⁵.

Memória e identidade sócio-cultural

Ao realizar a pesquisa acima resumida, trabalhamos primordialmente com a memória dos velhos foliões, utilizando o que se denomina de método biográfico. Foi um desafio fascinante pois tal método permite lidar com aspectos histórico-sociológicos ao captar, através da visão de um indivíduo, o desenvolvimento cronológico do fenômeno em estudo, inserido no contexto mais amplo da sociedade; possui um caráter dinâmico, pois permite resgatar os processos sociais que deram origem aos fenômenos estudados possibilitando também um acompanhamento, pelos relatos dos informantes, dos avanços e retrocessos de tais processos; apresenta ainda um caráter dialético ao obrigar o pesquisador que o utiliza a um constante confronto entre a teoria, as noções que ele já possui a respeito do objeto da pesquisa e a prática social concreta apresentada pelo informante. Tal



3. Para maiores informações sobre o carnaval do século XIX e início do século XX, um carnaval dominado pelas classes sociais mais abastadas consultar: Olga R. de Moraes Von Simson, *A burguesia se diverte no reinado de momo: Sessenta anos de evolução do carnaval paulistano — 1850-1915*.
4. Para maior aprofundamento do tema resistência inteligente consultar: Neusa M. Mendes Gusmão & Olga R. de Moraes Von Simson, "A criação cultural na diáspora e o exercício da resistência inteligente" in *Ciências sociais hoje*, 1989, Vértice/ANPOCS, pp. 212 a 243.
5. Estamos nos referindo às tentativas de algumas agremiações carnavalescas como a Nenê de Vila Matilde e a Unidos do Peruche de montarem em suas quadras creches e cursos de arte e artesanato para filhos de membros da escola e para crianças residentes próximas à mesma. Para maiores informações a respeito consultar: Olga R. de Moraes Von Simson, *Recriando no samba: Um projeto de educação extra-escolar da escola de samba Unidos do Peruche*, projeto de pesquisa, CERU, 1990, (mimeo).

característica nos obriga também a realizar um constante repensar, ao longo da pesquisa, das técnicas de coleta, registro e análise dos dados.

Mas o que mais motiva o pesquisador é o fato de lidar com memórias individuais que focalizam sempre fenômenos sociais e são reconstruídas com os olhos do presente. Tal material de pesquisa além de fornecer uma quantidade significativa de informações de caráter histórico-sociológico introduz também com frequência, na própria construção dos depoimentos, o fator da emoção que enriquece e matiza o ato de pesquisar. Nesse trabalho ficou muito nitido o que alerta Adélia B. de Menezes: a palavra *recordar*, quando buscamos o seu sentido etimológico, explica bem essa inclusão da emotividade ao significar “colocar (de novo) no coração”⁶.

Refletindo, *a posteriori*, sobre o processo de coleta dos depoimentos orais e examinando em sua globalidade os relatos dos velhos foliões brancos e negros pudemos levantar alguns pontos interessantes para discussão.

Para ambos os grupos estudados ficou patente que os fatos vivenciados no presente ordenavam a construção do seu passado carnavalesco. Percebemos, entretanto, que enquanto os relatos dos foliões negros cobriam todo o espaço de suas vidas, desde a infância mais remota até a data da coleta, aqueles dos carnavalescos brancos representavam apenas uma parte de suas experiências, em grande parte contida no espaço da juventude. Essa diferença determinava uma grande segurança, enquanto informantes, para os elementos negros que concediam depoimentos individuais, geralmente subdivididos em duas ou mais sessões, para que pudessemos abarcar toda a riqueza de informações que eles podiam nos fornecer. Os depoentes brancos, por outro lado, não apresentavam grande segurança quanto às informações

que lhes solicitávamos, preferindo na maior parte das vezes participar de sessões conjuntas de coleta de depoimento, para que as memórias de uns detonassem o processo de recordar dos outros, permitindo assim que informações fossem checadas e fatos duvidosos esclarecidos.

Uma possível explicação para essa diferença reside no fato de a memória do grupo negro se constituir numa das muitas memórias subterrâneas, de nossa sociedade. Michael Pollack explica que as memórias subterrâneas, por divergirem da memória coletiva de uma sociedade, ficam relegadas ao esquecimento e só se manifestam em situação de conflito ou quando pesquisadores — utilizando o método da história oral — criam um espaço para sua emergência. Diz esse autor: “Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à ‘memória oficial’, no caso a memória nacional e essas memórias subterrâneas que prosseguem seu trabalho de subversão no silêncio e de maneira quase imperceptível afloram em momentos de crise em sobressaltos bruscos e exacerbados. A memória entra em disputa. Os objetos de pesquisa são escolhidos de preferência onde existe conflito e competição entre memórias concorrentes”⁷.

Assim, a memória do carnaval negro paulistano tinha sido cuidadosa e efetivamente guardada durante décadas pelos grupos familiares que deram origem às agremiações carnavalescas mais antigas (os cordões) e mantida mais recentemente pelos agrupamentos que fornecem uma rede de sociabilidade para a população de cor da cidade (as escolas de samba). É Pollack novamente que, baseado em suas experiências com grupos dominados europeus, explica o processo de manutenção dessa história comum: “Opondo-se à mais

legítima das memórias coletivas, a memória nacional, essas lembranças são transmitidas no quadro familiar, em associações, em redes de sociabilidade afetiva e/ou política e são zelosamente guardadas em estruturas de comunicação informais e passam despercebidas pela sociedade englobante”⁶.

Quanto à memória do carnaval branco, por se constituir em um acervo que não diverge da memória coletiva, não parece ter passado por um processo cuidadoso de resguardo, manutenção e transmissão, o que ocasionava muito maior dificuldade aos informantes para reconstruí-la. Esse fato ficou patente quando, por ocasião da tomada de depoimentos orais, membros mais jovens da família do depoente estavam presentes, pois houve algumas vezes surpresa e às vezes até um certo estranhamento, por parte de netos ou sobrinhos mais jovens, ao tomar conhecimento que seu avô ou tio tinha sido um animado e atuante folião na juventude, o que denota a não-transmissão e até mesmo um certo silêncio dos informantes sobre aspectos de suas vivências anteriores.

Quando examinamos o conteúdo dos dois blocos de relatos coletados, aparecem algumas diferenças e peculiaridades que julgamos interessantes ressaltar.

Para o carnaval operário branco, o fio orientador da construção da maioria dos depoimentos foi o da perda de qualidade de vida, vivenciada pelos informantes na cidade de São Paulo no período focalizado. Essa sensação de perda não se referia entretanto às condições concretas de existência, pois os depoentes apresentavam em seus relatos indícios claros de ascensão social ao longo das trajetórias de vida.

Muitos haviam conseguido encaminhar seus filhos ou netos à universidade, a maioria tinha deixado de ser operário, exercendo outro tipo de ocupação mais suave no trecho final da vida. Os antigos bairros operários haviam se transformado em regiões habitadas por classe média e, muitos daqueles que deles haviam se mudado, residiam atualmente em bairros cujas condições materiais de existência eram muito superiores às dos antigos bairros proletários. A sensação de perda sentida por todos eles estava, na verdade, ligada a uma falta de contatos sociais significativos na fase mais recente de suas vidas, levando a um processo de isolamento social motivado tanto pela destruição dos antigos grupos de vizinhança, responsáveis pela organização dos velhos folguedos carnavalescos, como pelas novas condições de vida impostas por uma metrópole em rápido processo de crescimento.

Os relatos dos carnavalescos negros, por outro lado, revelaram um fato que nos surpreendeu. Embora a solicitação da pesquisa fosse a de que nos contassem suas vidas, sob o enfoque do carnaval, quando examinamos em profundidade os depoimentos colhidos para buscar o fio orientador da narrativa, a atividade de trabalho do informante apareceu como a variável condutora da construção das falas. Para alguns informantes, cuja capacidade de elaboração do relato era mais aguçada, foi até mesmo possível construir trajetórias de vida paralelas que mostraram claramente como ao longo de toda existência o folião realizara uma dupla jornada de trabalho. Dois terços do seu dia eram dedicados à atividade de subsistência, exercida geralmente no setor informal que, não exigindo horários de trabalho muito rígidos, permitia a

6. Adélia B. de Menezes, *Memória e ficção*, neste volume.

7. Michael Pollack. "Memória, esquecimento e silêncio" in *Estudos históricos. Memória*, Rio de Janeiro, vol. 2, n.º 3, SPDOC/Vértice, 1989, p. 4.

8. Michael Pollack, *op. cit.*, p. 8.



ele reservar o terço final de seu tempo para atividades ligadas a princípio ao esporte e posteriormente ao espaço musical (samba) e/ou carnavalesco.

Tais atividades não-remuneradas eram encaradas pelos informantes negros como possíveis brechas que lhes possibilitariam uma eventual ascensão sócio-econômica, por eles visualizada como praticamente impossível via mundo do trabalho. O relato e enumeração das atividades ligadas ao esporte e à música eram geralmente organizadas pelos informantes que os relacionavam sempre às atividades de subsistência que, fundamentais para a sobrevivência, deveriam entretanto permitir um tempo livre e muitas vezes engendravam relações de companheirismo e amizade que eram transpostas para o espaço, visto como do não-trabalho, porque geralmente dedicado ao futebol e ao samba.

É o caso, por exemplo, de Seu Zezinho do Morro da Casa Verde que tendo vivenciado, desde a mais tenra idade até a época atual, todas as fases do carnaval popular paulistano, permitiu-nos retratar sua dupla trajetória de vida, uma no mundo do trabalho visando sua subsistência e da família e outra, paralela, no mundo do esporte e do samba, buscando sempre uma possibilidade de ascensão social. Na

verdade, quando analisadas objetivamente, essas duplas trajetórias configuram um duplo processo de exploração que o mantém ocupado 14 a 16 horas por dia: uma parte dedicada à sua manutenção e da família, realizando trabalhos informais mal remunerados, e outra preparando gratuitamente apresentações musicais ou desfiles carnavalescos para divertimento da sociedade em geral.

Michael Pollack em suas pesquisas com dissidentes soviéticos, com sobreviventes de campos de concentração ou com trabalhadores forçados alsacianos também percebeu a existência de um elemento ordenador dos relatos e observou a respeito: "A despeito de variações importantes encontra-se um núcleo resistente, um fio condutor, uma espécie de *leitmotiv* em cada história de vida. Essas características de todas as histórias de vida sugerem que estas últimas devem ser consideradas como instrumentos de reconstrução da identidade e não apenas como relatos factuais. Por definição a reconstrução *a posteriori*, a história de vida, ordena acontecimentos que balizaram uma existência (...) Através desse trabalho de reconstrução de si mesmo o indivíduo tende a definir seu lugar social e suas relações com os outros"⁹.

Outra observação interessante suscitada pela análise em bloco dos depoimentos, tentando entender sua forma de organização e construção, refere-se ao próprio processo de rememorar que pudemos observar em pleno funcionamento para indivíduos de origens, idades e níveis sócio-educacionais diversos, durante a longa fase de coleta dos depoimentos para a pesquisa. Havia claramente fatos e aspectos mais fáceis de serem reconstruídos pela memória e alguns cuja rememoração era difícil, quando não praticamente impossível. Houve casos em que pudemos perceber algumas razões que possivelmente podem explicar tais dificuldades.

As perseguições policiais sofridas pelas agremiações negras paulistanas até épocas muito recentes, por exemplo, eram a princípio deixadas de lado e não mencionadas pelos elementos mais velhos, acostumados a "pedir a benção" das autoridades para poder desfilar pelas ruas da cidade. Foram muitas vezes os elementos mais jovens, parentes ou colegas de agremiação, presentes ao local das entrevistas, que lembrando com clareza essas situações de nítida discriminação, ressaltavam-nas quase obrigando os depoentes mais idosos a mencioná-las em sua total intensidade de significado. Esse fato ficou bem configurado durante a coleta da história de vida de Pé Rachado, um importante líder carnavalesco paulistano dirigente de agremiações famosas, realizada em 1981 na própria casa do depoente. Durante a realização da mesma, chegou seu filho mais velho que se manteve ao lado, silencioso, mas atento ao desenrolar do relato. Ao perguntar a Pé Rachado se ele havia enfrentado dificuldades com a polícia, durante sua longa atuação como líder carnavalesco a resposta inicial foi: — "Não, nunca tive problemas com a polícia". O filho então não se conteve e interpelou o pai: — "Puxa, pai, você se esqueceu que até 1972 nós ainda levávamos pau da polícia!" Ante a enfática colocação do filho o informante reconheceu as dificuldades enfrentadas em várias ocasiões e passou a relatá-las.

Outro informante, ao reconstruir a vida de sua agremiação tomando como referência os temas do desfile carnavalesco de cada ano, permitiu perceber como a imposição de assuntos de caráter mais branco e erudito, a princípio via pressões sócio-culturais e posteriormente via regulamentos do desfile, causava sérios impasses à criatividade dos foliões negros, os quais se refletiam na própria fixação pela memória, desses desfiles que pouca identidade apre-

sentavam com sua cultura e vivência cotidianas.

Pudemos perceber claramente esse fato durante a série de entrevistas que realizamos com Seu Nenê de Vila Matilde onde ele reconstituiu toda a trajetória de sua agremiação, uma das mais antigas escolas de samba de São Paulo. Como a Escola de Samba Nenê de Vila Matilde, ao completar 30 anos de existência em 1979, havia organizado um Diploma Histórico onde apareciam listados em ordem cronológica os temas inspiradores dos desfiles da escola, desde sua fundação até aquela data, o informante resolveu tomar essa listagem como roteiro orientador da reconstrução da história da agremiação. Pudemos então perceber claramente que os desfiles cujos temas estavam relacionados à cultura afro-brasileira, eram recordados muito mais facilmente e de maneira muito mais prazerosa pelo informante, enquanto aqueles que se baseavam em assuntos da cultura branca e erudita apresentavam grande dificuldade para serem rememorados e, muitas vezes, somente o refrão do samba-enredo conseguia ser cantado, ficando todos os outros detalhes do desfile relegados a um limbo da memória, incapaz de ser ativado.

Cabe-nos ressaltar, à guisa de conclusão para estas reflexões, que:

- O processo de rememorar se faz geralmente motivado por um fato externo e no caso o papel do pesquisador foi fundamental na construção desses relatos. Se a solicitação da reconstrução da história de suas vidas, ligada ao carnaval, não tivesse existido, provavelmente muitos fatos do passado permaneceriam armazenados nas memórias dos depoentes de forma aleatória, sem um significado maior. Uma observação de Seu Zezinho do Morro da Casa Verde,

feita em um de seus depoimentos, nos fez perceber claramente esse fato. Disse ele: "A senhora está me fazendo lembrar de coisas tão antigas que eu já nem sabia que tinha na memória". Alguns anos depois, em 1988, durante uma Mesa Redonda durante o Simpósio Internacional da Escravidão, realizado no Departamento de História da USP, que teve por título "100 anos de liberdade, 100 anos de luta: A palavra dos lutadores", Seu Zezinho confessou publicamente que nossas longas sessões de rememoração e gravação da memória do carnaval paulistano o haviam influenciado de tal maneira que, depois e como consequência delas, ele havia composto alguns sambas focalizando aspectos de sua vida passada, enxergados sob nova forma após essa experiência conjunta. Hoje, certamente não mais seria possível recuperar essa história dos folguedos populares do carnaval paulistano, ligada ao próprio desenvolvimento da cidade, pois muitos dos nossos informantes não estão mais vivos para realizarmos em conjunto esta tarefa;

- Os relatos são construídos tendo em vista um interlocutor definido, numa "situação de interação social, de

comunicação onde se defrontam o pesquisador com um projeto definido e o pesquisado que, aceitando a proposta, faz um relato de sua existência onde está contida uma mensagem ao interlocutor"¹⁰;

- Nesse sentido, o grupo negro para quem o carnaval possuía um significado que ia além do simples brincar, da fruição do momento e das companhias, demonstrou uma capacidade muito maior de entender o objetivo da pesquisa e conseqüentemente de elaborar depoimentos mais organizados e com mensagens mais nítidas ligadas a sua afirmação sócio-étnica-cultural numa sociedade predominantemente branca e discriminadora. O grupo branco, por outro lado, foi também capaz de elaborar uma mensagem veiculada através dos depoimentos, mas esta possuía um caráter mais individualizado e, ao que parece, um menor significado para os depoentes, que não se viam como integrantes de um grupo étnica e socialmente definido cuja memória era importante registrar. Sua mensagem, apesar de conter um claro protesto quanto à situação atual de vida na grande cidade, apresentava nitido cunho nostálgico, de perda de um *modus vivendi* afetiva e socialmente mais rico, numa cidade mais humana.

10. Lucila Brioschi e Maria Helena Trigo. *Família: Representação e cotidiano — Reflexões sobre um trabalho de campo*, São Paulo, CERU/CODAC-USP, Col. Textos, Nova Série, n.º 1, p. 38.